

Ensaio convidado

A Obra Civilizatória

Suely Carneiro¹

Inúmeras análises tentam explicar o comportamento do eleitorado nas eleições presidenciais de 2006. Em muitas delas emergem ou são insuflados conflitos reais ou preconceitos de natureza regional, de raça e classe, sobretudo quando enfocam as intenções de voto no presidente Lula.

Um exemplo lapidar está na análise feita pelo jornal "O Estado de S. Paulo" dos resultados de pesquisa encomendada ao Ibope para aferir o nível de tolerância da população brasileira à corrupção, tendo sido divulgados os seguintes resultados, conforme o Estadão: "No Nordeste, 10% dos eleitores declaram que votariam em político acusado de corrupção (...) No Sul e no Sudeste, esses índices são de 6% e 7%, respectivamente". Mas o melhor vem agora: "Os que se autodeclaram brancos são mais implacáveis com a ética: 88% não votariam num corrupto; os que se autodeclaram pardos cobram menos e 85% não votariam em indiciados por corrupção; mas os que se autodeclaram pretos são os menos rígidos com a ética: só 82% negam o voto a corruptos".

Em comentário sobre essa pesquisa, o jornalista Franklin Martins, além de apontar que os dados utilizados não autorizam as conclusões deles extraídas, sublinha que "está claro que o jornal tinha uma tese" que cabia à pesquisa legitimar, qual seja: a de que negros em geral, e nordestinos em particular, são menos exigentes em relação à ética do que, respectivamente, brancos e sulistas.

Mas não é uma tese nova no que diz respeito ao Estadão, sobretudo em relação aos negros. Ela é consistente com outras que vêm sendo defendidas por esse jornal desde 1929, quando então Júlio Mesquita Filho já afirmava em editoriais que: "as portas das senzalas abertas em 88 haviam permitido que se transformassem em cidadãos como os demais dezenas e dezenas de milhares de homens vindos da África e que, infiltrando-se no organismo frágil . da coletividade paulista, iriam não somente retardar, mas praticamente entravar o nosso desenvolvimento cultural."

Ou mais ainda, ao rejeitar a abertura da imigração para negros norte-americanos disse ele: "não é desejável a contribuição dos pretos americanos para o caldeamento de raças no Brasil. Um contingente preto nesse momento seria mais nocivo que útil à obra da civilização em que estamos empenhados." (08/06/1929). Resta a "O Estado de S. Paulo"

¹ Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade São Paulo e diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra. Publicado no jornal *Irohin*, número 18, agosto-setembro 2006.

explicar os resultados dessa obra na qual ele tanto se empenhou e que tinha a brancura como um dos seus principais pilares.

As elites brancas construíram um mundo para si no Brasil à custa de muitas perversões, em especial a de alijar da cidadania negros e pobres. No entanto, o embranquecimento das estruturas de poder da sociedade brasileira não resultou na criação daquilo que eles imaginavam pudesse ser a Europa nos trópicos. Pelo contrário, tem-se uma elite medíocre, prisioneira de conhecida sabujice em relação aos EUA e à Europa, que reverenciam com humildade bovina. Pior, no reino encantado que organizaram para si, só há lugar para a autocomplacência com a própria incompetência e descompromisso com o país. O problema é sempre o povo.

A crise política e os escândalos que se sucedem revelam que parece não haver um ramo de atividade no país que não esteja atravessado, desde sempre, por práticas de corrupção, compadrio, protecionismo, lançando sérias dúvidas sobre a forma pela qual as fortunas são construídas no Brasil, quando elas não advêm dos talentos individuais consagrados como o de artistas, desportistas, escritores etc... A cada nova quadrilha presa das que saqueiam os cofres públicos fico esperando para ver uma cara preta. Nada. Esse é o primeiro saldo da obra civilizatória.

Há outros aspectos mas pouco é o espaço para arrolar todos. A Universidade de São Paulo, por exemplo, criada pelos Mesquitas para reproduzir as classes dominantes, tem absoluta maioria branca nos seus corpos docente e discente mas não figura entre as 100 universidades mais importantes do mundo, estando abaixo, inclusive, de países de menor importância econômica e geopolítica do que o Brasil; neles proliferam prêmios Nobel, invenções tecnológicas e estratégias inovadoras de desenvolvimento econômico e social de reconhecimento internacional. Aliás é o preto Milton Santos o único brasileiro a conquistar um prêmio internacional de grande envergadura o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, Paris, 1994 - mais conhecido como o Prêmio Nobel da Geografia.

A performance dos alunos da elite brasileira é também constrangedora: "apenas 21% dos alunos da elite brasileira conseguiram notas que os colocavam nos dois níveis mais avançados de aprendizado, o que indica que conseguem ler e interpretar textos e gráficos com níveis mais avançados de complexidade. O resultado é muito inferior ao encontrado entre as elites dos outros sete países pesquisados: França (57%), Coréia do Sul (55%), Estados Unidos (53%), Portugal (48%), Espanha (46%), Rússia (33%) e México (27%)."

Clóvis Rossi, em artigo na "Folha de S. Paulo", afirmou que os únicos profissionais brasileiros respeitados internacionalmente são os nossos

jogadores de futebol, aos quais se atribui inegável *expertise*. São *eles*, na maioria, negros. Não é à toa portanto que o ministro Furlan constata que "um país precisa ter marcas internacionais, que sejam reconhecidas e desejadas em qualquer parte do planeta. (...) Quando chego a um país, a primeira pergunta que faço é qual a imagem que eles têm do Brasil. A resposta é sempre a mesma: samba, café e Pelé."

Esse é o resultado final da obra civilizatória. Adorei!